



Um riachense no Mali

Samba

Terça-feira. Dia triste por aqui hoje. Mais um dos nossos colaboradores passou para o outro lado. O Samba era um dos tipos mais bem-dispostos, mais sorridentes que por aqui andava. Tinha sempre uma “boca” para mandar. Ainda ontem quando fui buscar o Rafa, já eram umas quatro da tarde, parámos na frente de trabalho e o Samba foi dos mais efusivos. Hoje de manhã na hora de sair para o trabalho, de chofre saiu a constatação, O Samba morreu! Daqueles com quem tive a honra de co-trabalhar é já o terceiro a partir sem pré-aviso. O primeiro foi o Abderramane, seguiu-se o Hassan e agora o Samba. Pode-se dizer que esta terra é avara para os seus. Ainda, que aqui morre-se muito! Todos eles em idade de trabalhar, logo, ainda longe da idade onde tais eventos normalmente ocorrem. Daquilo que pude constatar, neste período, já longo, em que aqui exerço o meu mister, uma percentagem enorme dos passamentos deve-se à falta de potabilidade da água! Na esmagadora maioria dos lares não há água canalizada, mesmo nas poucas cidades, como Selibaby, que a ela têm acesso. Por razões espúrias. O preço da água não é acessível (!?) à maioria das gentes. Falta informar as pessoas que água não é apenas um líquido que se ingere quando se tem sede. Especialmente num local tão quente e com tantos animais, como é o caso, todos os cuidados são poucos. No mínimo a água deveria ser fervida. Outro dos factores adversos é a falta de esgotos. É infelizmente quase impossível descrever o que é uma cidade sem esgotos e sem água corrente... No séc. XXI... Se a Europa quer sustentar a mole humana que a ela se dirige a partir do mundo desfavorecido, deve verdadeiramente iniciar um programa de cooperação com estes estados. Um programa de cooperação baseado no respeito pela qualidade de vida. E pelos valores da dignidade humana. Podem começar por facultar acesso a água potável, a saneamento básico, a um mínimo de salubridade que permita que não se morra tanto nesta terra.

(3 de Novembro de 2009)